
FAMILIARES ENLUTADOS: COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DE SUAS VIVÊNCIAS¹

Elionésia Marta dos Santos², Catarina Aparecida Sales³

¹ Artigo extraído da dissertação - Familiares enlutados: compreender para acolher, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em 2009.

² Mestre em Enfermagem. Enfermeira coordenadora no Hospital Universitário do Oeste do Paraná. Paraná, Brasil. E-mail: nesiaenfer@hotmail.com

³ Doutora em Enfermagem. Docente do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM) Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, Brasil. E-mail: casales@uem.br

RESUMO: Objetivou-se neste estudo compreender os sentimentos de pessoas que experienciam o luto pela morte de um ente por câncer. Estudo de caráter qualitativo, à luz da fenomenologia existencial de Martin Heidegger, realizada de abril a junho de 2009. Seis depoentes foram selecionados junto aos arquivos do Programa de Assistência e Internamento Domiciliar, do município de Cascavel-PR. Os familiares foram inquiridos com a questão: “como você está vivenciando a morte de seu familiar”? Da análise emergiram três temáticas existenciais: Angustiado-se perante a possibilidade de morte iminente; Descobrir sua própria finitude e; Experienciando a temporalidade de estar-no-mundo enlutado. Conclui-se que o enfermeiro deve caminhar ao lado do enlutado, uma vez que este necessita sentir-se apoiado em todo o processo, pois existir-no-mundo enlutado significa trilhar um caminho para sobreviver à ausência de um ente amado e encontrar um novo sentido para a existência.

DESCRIPTORIOS: Neoplasia. Morte. Família. Enfermagem.

RELATIVES IN MOURNING: A PHENOMENOLOGICAL EXISTENTIAL UNDERSTANDING OF THEIR EXPERIENCES

ABSTRACT: The objective of this study was to better understand the emotions felt by individuals who experience grieving a relative who has died due to cancer. This study is qualitative in nature and was carried out in the light of Martin Heidegger's Existential Phenomenology, between April and June of 2009. Six participants were selected from the files of the Assistance and Home Care Program in the municipal district of Cascavel, PR, Brazil. Relatives were inquired, “How are you dealing with the death of your family member?” From response analysis, three existential themes emerged: Becoming distressed facing the possibility of imminent death, Discovering their own finitude, and Experiencing the temporality of living in a grieving world. In this research, it was found that the nurse should walk beside the grieving person since he/she needs to feel supported throughout the process. Living with grief means treading a path in surviving the absence of a loved one and to finding a new sense of existence.

DESCRIPTORS: Neoplasia. Death. Family. Nursing.

FAMILIAS DE LUTO: COMPRESIÓN FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL DE SUS VIVENCIAS

RESUMEN: El estudio tuvo como objetivo comprender los sentimientos de las personas que sufren dolor por la muerte de un ser querido con cáncer. Se trata de una investigación de carácter cualitativo, a la luz de la fenomenología existencial de Martin Heidegger, realizada entre abril y junio de 2009. Los seis participantes entrevistados se seleccionaron de los archivos del Programa de Asistencia y Cuidado en el Hogar, en la ciudad de Cascavel-PR. A los familiares se les hizo la siguiente pregunta: “¿Cómo se está sintiendo por la muerte de su ser querido?” Del análisis surgieron tres temáticas existenciales: Angustia ante la posibilidad de una muerte inminente, el descubrimiento de la propia finitud, y, experimentar la temporalidad de estar en duelo. Se concluye que el enfermero debe caminar al lado de la persona que está de luto, ya que él necesita sentirse apoyado en todo el proceso, pues vivir el duelo significa transitar un camino para sobrevivir a la ausencia de un ser querido y encontrar un nuevo sentido para la existencia.

DESCRIPTORIOS: Neoplasia. Muerte. Familia. Enfermería.

INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo mudou sua relação com a morte e o processo morrer, consequentemente, a vivência do luto também sofreu transformações importantes em nossa sociedade. Diante do exposto, consideramos importante, enquanto enfermeiras, refletir sobre a experiência dos familiares que vivenciam o processo de luto, pois nesses momentos eles se sentem desorientados, envolvidos por sentimentos de angústia e dor. A ausência do seu familiar poderá levar a família à solidão existencial, em que todos os socorros e proteções serão ineficazes para debelá-la; assim, a família sente-se completamente perdida e desvalida.

Em nossa trajetória, percebemos também que a família “carrega” seu doente durante todo o processo de adoecimento e, em face à terminalidade de vida do ente querido, contemplamos inúmeras vezes os profissionais de saúde comunicar o diagnóstico primeiramente à família e, na maioria das vezes, recaiu sobre ela a responsabilidade de transmitir ou não a informação ao paciente e a decisão sobre os procedimentos a serem seguidos. Estas experiências avivaram-nos o quão é difícil para os familiares realizarem a trajetória do processo morte/morrer, pois, a morte de um membro da família provoca intensa reação, tanto do ponto de vista do indivíduo, quanto se considerar o sistema familiar. O luto pode ser experienciado de forma individual e coletiva e as mudanças de papéis podem gerar crises e sobrecarregar determinados membros da família, agravando a sintomatologia do luto individual.¹

Na literatura, o luto é definido como um conjunto de reações e comportamentos desencadeados pelo rompimento de um vínculo existente entre dois indivíduos,² porém, a palavra luto não é utilizada para designar a perda em qualquer tipo de circunstância, mas é reservada ao processo ao qual uma pessoa fica submetida ante a morte de um ente querido.³

O tempo do luto não pode ser precisado, podendo durar meses ou anos, e até mesmo nunca terminar.⁴ O processo de luto é vivenciado pelas pessoas de forma individual, o que torna inadequado estipular um prazo para o seu término; mas admite-se a existência de um padrão comum de tempo para a maioria dos casos, no qual o indivíduo, aos poucos, vai aprendendo a conviver com sua perda.³

Com este pensar, ficamos inquietas, especialmente, o luto vivenciado por pessoas cujos familiares morrem por câncer. Nosso interesse em estudar o luto desses indivíduos advém da constatação

de que o câncer, assim como as demais doenças crônicas, pode vir acompanhado de um processo de terminalidade prolongado, o que provoca nos familiares desgaste tanto físico quanto emocional. Quando isso ocorre, são comuns os sentimentos de ambivalência nos familiares que assistem o doente, como tristeza por sua perda e alívio pelo término de seu sofrimento.⁵ Outro aspecto a ser mencionado refere-se ao fato de que o câncer geralmente deixa uma imagem de sofrimento e dor, pela deterioração física provocada, o que pode impactar o enlutado e ser revivido no processo de luto e assim influenciar sua elaboração.⁶

Nestes casos, às famílias não resta nem o direito de expressar seu luto, uma vez que a conduta dos vivos em relação aos mortos exige, na atualidade, a total supressão dos sentimentos. Não se pode chorar nem fingir que sentimos a morte de um ente; não há carpideiras nem vestes negras. Diante de uma perda, as pessoas são impelidas a voltar o mais depressa possível à rotina e fingir que nada aconteceu.⁷

Entretanto, em estudo relativo à questão, averiguamos que a família enlutada necessita absorver uma gama de novas situações, superior às estratégias de enfrentamento das quais se utiliza normalmente, rompendo, por completo, o equilíbrio interno. Tal situação implica uma indispensável coesão e retroalimentação entre os membros, com busca de novas alternativas para superar o momento de crise. Uma vez que, nesses momentos, os mesmos enfrentam uma espécie de transição que a transforma e lhe impõe uma nova identidade.⁸

Assim, acreditamos que, se não levarmos na devida conta os sentimentos dos familiares ao vivenciarem um processo de luto, não poderemos ajudá-los com eficácia, uma vez que, no tocante à morte, assistir a pessoa remete ao alívio da dor e do sofrimento de todos os envolvidos nessa condição.⁹

Em vista de nossas inquietações sobre as necessidades das famílias em processo de luto, a finalidade deste estudo é compreender os sentimentos de pessoas que experienciam o luto pela morte de um ente por câncer. No nosso entendimento, por meio desta pesquisa será possível contribuir com os profissionais de saúde, ampliando-lhes a compreensão quanto ao cuidado prestado às famílias em situação de luto.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa embasada na fenomenologia existencial heideggeriana.

riana,¹⁰ a qual se descortinou como possibilidade de compreender os indivíduos enlutados em sua existência. Esta certeza emergiu durante minha trajetória, pois a fenomenologia existencial, com sua abordagem de procurar compreender o outro em sua facticidade, não buscando apenas explicar o fenômeno, as generalizações e os princípios da situação apresentada, aproxima-se da tendência atual da saúde, que busca ações humanizadas na assistência ao ser humano.

Nossa região de inquérito ou região ontológica foi a própria situação na qual ocorreu o fenômeno que buscamos desvelar, ou seja, a vivência de cada pessoa que experencia o luto em seu lar.

A pesquisa foi realizada entre os meses de abril e junho de 2009, após a aprovação do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa que Envolve Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, mediante o Parecer nº 012/2009. Os depoentes foram selecionados junto aos arquivos do Programa de Assistência e Internamento Domiciliar (PAID), do município de Cascavel-PR. Para a pesquisa optamos por familiares que estavam vivenciando o processo de luto por morte de um familiar por câncer que tivesse ocorrido no ano 2008, ou seja, pessoas com 12 meses ou menos de luto. Apesar da morte de um ente familiar ser uma realidade para toda a vida e de muitos autores concordarem que o tempo de luto é variável, houve a necessidade de um recorte cronológico para o estudo. Assim, consideramos a literatura que se refere que o processo de luto, não pode ser resolvido em menos de um ano, que constituiria o prazo mínimo.¹¹

A aproximação dos sujeitos da pesquisa ocorreu, primeiramente, por meio do levantamento dos prontuários nos arquivos do PAID, momento em que pudemos conhecer um pouco da trajetória de pacientes e familiares. Posteriormente, buscamos pelo contato telefônico com essas pessoas e marcamos uma visita em seus domicílios. Encontramos 21 pessoas elegíveis para a pesquisa, no entanto o número de sujeitos da pesquisa foi de sete participantes, um do sexo masculino e seis do sexo feminino, uma vez que nove familiares não foram encontrados, um indivíduo era incapaz e houve quatro recusas em participar do estudo. No entanto, para este estudo apresentaremos o discurso de seis familiares.

Os enlutados foram inquiridos com a seguinte questão norteadora: “como você está vivenciando a morte de seu familiar?”. Esclarecemos que, a cada entrevista, a pergunta foi formulada utilizando-se o nome do ente morto (por exemplo, “como

você está vivenciando a morte da Maria?”), a fim de que a pergunta fosse clara e adequada para a situação vivenciada pelo indivíduo e possibilitasse a manifestação das situações, emoções e sentimentos vivenciados pelo enlutado. Os encontros ocorreram no próprio domicílio dos depoentes, sendo as entrevistas gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

Para captar a plenitude expressa pelos sujeitos em suas linguagens, optamos pela análise individual de cada discurso. Assim, primeiramente, realizamos leituras atentas de cada depoimento, separando os trechos ou Unidades de Sentidos (USs) que, para nós, mostraram-se como estruturas fundamentais da existência. Em seguida, passamos a analisar as unidades de sentidos de cada depoimento, realizando seleção fenomenológica da linguagem de cada sujeito, pois uma unidade de sentidos, em geral, constitui-se de sentimentos revelados pelos depoentes que contemplam a interrogação ontológica.¹²

A fim de garantir o anonimato dos depoentes e não nomeá-los de forma genérica (s1...s2...), optamos por designá-los por nomes de flores, uma vez que estas já se constituíam em presentes aos mortos para os homens do Neandertal há, aproximadamente, 29 mil anos. Desse período, foram encontrados no Iraque, em 1951, corpos de neandertalenses enterrados sobre leito de flores, sendo este costume um fato universal.¹³

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da análise da linguagem dos familiares suscitaram três temáticas ontológicas: Angustiando-se perante a possibilidade de morte iminente; Descobrir sua própria finitude; e Experimentando a temporalidade de estar-no-mundo enlutado, a partir da linguagem dos seis familiares, sendo eles: Calêndula, Girassol, Amor-Perfeito, Orquídea, Palma e Gerânio.

Angustiando-se perante a possibilidade de morte iminente

A morte pertence ao grupo de experiências ditas irrealizáveis, ou seja, eventos que não conseguimos imaginar para nós mesmos, nem para as pessoas que amamos.¹⁴ Dessa forma, a morte no cotidiano caracteriza-se como uma possibilidade distante, e sob esse prisma permanecemos seguros de nosso futuro e da realização de nossos sonhos, mas uma simples premonição de sua chegada aviva no ser humano sentimento de agonia.

Na analítica heideggeriana, o medo caracteriza-se como uma disposição imprópria, pois encontra seu ensejo nos entes que vêm ao seu encontro descortinando um *malum futurum*. O significado existencial e temporal do medo constitui-se de um esquecimento de si mesmo. Este sentimento de medo proporciona o afastamento do Ser-aí do seu poder-ser mais próprio e, nesse esquecimento, ele não se reconhece mais em seu mundo circundante e não visualiza as várias praticabilidades ao seu redor, pois esse estado torna o ser-no-mundo aflito e conturbado perante a probabilidade de o não-pensado estar se concretizando.¹⁰ À medida que algum presságio anuncia a possível proximidade deste ente que vem ao encontro do Ser-no-mundo, o medo se transforma em horror, uma agonia súbita que abate o ser humano em seu existir-no-mundo. Esta sensação de agonia foi expressa por Calêndula:

[...] dez horas fui almoçar, e estava em silêncio que nem agora, só eu ali na mesa e o meu filho deitado no sofá. Não tinha nada de ligado, eu vi que ele me chamou duas vezes, me chamou bem alto [...] depois que ouvi ele me chamar fui correndo para o hospital. Daí eu subi pela escada, parecia que eu ia subindo pela escada e ia caindo num buraco. Eu ia subindo, ia caindo, rodou tudo na minha cabeça (Calêndula).

Sobre essa questão, evidenciamos na literatura que ao longo da experiência de cuidar de pessoas em processo de terminalidade muitos são os medos vivenciados pelo familiar, como o medo de não prestar cuidados adequados, do sofrimento físico, da dor e especialmente o medo da morte, que culminam com o desespero e impotência.¹⁵ Isso explica o fato de muitos familiares apontarem o hospital como o local ideal para o óbito, revelando a dificuldade de enfrentamento do momento da morte.¹⁶ Isso sugere que “o sofrimento põe o sujeito face às impotências, aos limites e à decadência corporal, expondo-o à perspectiva da morte e precipitando defesas e estratégias de enfrentamento que excedem a dimensão do organismo”.^{17:72}

Eu não tinha medo do momento do óbito, medo, medo não, agora o sofrimento..., que eu nunca mais quero cuidar de ninguém em casa para entrar em óbito, porque a dor da gente é triste, ainda mais a gente que está aqui, porque os de fora não, chegaram ela já estava lá preparadinha, velando; mas agora a gente que [pausa]. Não tenho lembrança ruim nenhuma, mas porque o sofrimento é cruel. Então medo, medo eu não tinha daquele momento da morte dela, tanto é que eu nem acreditei na hora que ela morreu, entendeu? (Girassol).

Ao escrever sua história, o Ser-aí discerne a morte pelo que ela é em seu pensar, isto é, en-

quanto uma probabilidade distante. Nesse sentido, em seu ter-sido-lançado no mundo, o ser humano traz no cerne de seu ser o temor da enfermidade e da morte. Atentando para a linguagem de Girassol, notamos que ao vivenciar a proximidade da morte de um familiar a pessoa se angustia, não somente pela morte em si, mas principalmente pela bagagem de dor e sofrimento que ela mesma traz consigo. Ao pronunciar seu relato, a depoente faz um instante de pausa, suspira, olha para o chão, prefere não nos encarar, mergulhada em lembranças que naquele momento ainda eram difíceis de apagar.

A morte não é uma possibilidade entre outras, mas representa a probabilidade extrema do Ser-aí. Ela é a possibilidade da impossibilidade da existência. A morte é “a possibilidade mais própria, absoluta, certa e como tal indeterminada, inultrapassável do Ser-aí”.^{10:258} Não obstante, no final da unidade de sentidos a manifestação corporal de Girassol observada por nós sugere que, apesar de a morte ter sido um ente concreto esperado naquele lar, sua chegada de forma definitiva é algo difícil de ser aceito de imediato. Seu discurso e seus gestos podem denunciar um comportamento de negação da morte, suscitado mesmo diante da experiência de acompanhamento da agonia do familiar, o que pode ser considerado como o choque inicial em relação à evidência da perda.

Diversos estudos apontam que as dificuldades de cuidar de um ente aumentam ante a proximidade da finitude, pois a perspectiva da morte aumenta a tensão, a insegurança e a vulnerabilidade do cuidador, resultando em sobrecarga emocional.¹⁵ Dessa forma, não é espantoso que os familiares continuem a negar a realidade da perda, pois ela é a materialização de todos os seus medos e a dura realidade que tanto lutaram para adiar.

Porque na verdade eu não acreditava que ela ia morrer já, assim, que aquele dia onze de junho era a última vez que eu ia falar com ela, não acreditava isso. Se eu entendesse que aquilo era a ânsia da morte dela, eu iria me desesperar. Acho que Deus não deixa a gente abrir o olho, eu iria me desesperar (Amor-Perfeito).

A angústia perante a possibilidade da morte pode gerar situações de negação, e mesmo quando esta se evidencia por uma doença incurável, é um processo marcado pela dor e sofrimento. Perante este pensar, apreendemos no discurso de Amor-Perfeito que a angústia suscitada pela perspectiva da morte da mãe lhe era algo tão aterrador, que ela negou até o último momento a finitude iminente de seu ente. Em sua fala, a depoente admite sua incapacidade de

lidar com a despedida, e mostra certo alívio por não ter percebido a morte que se anunciava.

Descobrimo sua própria finitude

Nesta categoria, descrevemos os significados atribuídos pelos familiares à experiência do adoecimento, padecimento e morte de um ente por câncer. Os discursos revelaram que esta vivência é capaz de propiciar o despertar para a própria finitude, ou seja, a morte de um ente querido remete a pessoa à insuperável possibilidade da sua própria morte, o que a leva a repensar seus valores e crenças e transformar sua maneira de compreender a vida.

Depois que minha mãe morreu mudei muito, tenho outras perspectivas de vida, já penso diferente, que a vida não é nada, que você tem que fazer, mudei o pensamento, minhas perspectivas mudaram, com certeza (Orquídea).

A morte de um ente leva o enlutado a refletir sobre sua percepção em relação à vida, à morte e ao tempo de cada indivíduo.¹⁸ Nesse sentido, compreendemos nas palavras de Orquídea que a morte da mãe representou um marco para ela, e a fez modificar seu modo de perceber a vida, passando a considerá-la como algo frágil, efêmero e precível. Confrontar a possibilidade da própria morte com a morte de outrem significa a impossibilidade de negar a própria finitude, ao menos racionalmente, e isso ajuda a pessoa a refletir sobre o que fará de si mesma e com a sociedade.¹⁹

Quando o meu pai morreu, ela ficou grávida da minha irmã mais nova, a nossa caçula, e ela prometia para essa minha irmã que ela nunca ia largar ela. Ela dizia 'filhinha, a mãe nunca vai te deixar'. Então eu tinha dez anos só quando meu pai morreu, então eu acabei de crescer os meus anos de crescimento acreditando que ela nunca ia morrer mesmo, sabe? É uma coisa que alimentou. É claro que a gente sabe que não é assim, mas dentro do sentimento da gente parece que a mãe nunca ia morrer. Eu só passei a entender o que era a morte com a morte da minha mãe (Amor-Perfeito).

Em nossa realidade convivemos com a morte. Fala-se constantemente da morte do outro, anunciada nos jornais, nas rádios, ou mesmo nas esquinas de nosso mundo; porém sempre se fala dela na terceira pessoa, como algo distante de nós, e quando algum ente querido presente em nossa mundaneidade morre, o ser humano descobre em si sua própria finitude⁸. Nesta perspectiva, ao relatar seu pesar vemos que Amor-Perfeito traz espanto em seu olhar, como se a morte não fosse

algo esperado, pois ela ficou muito emocionada e começou a chorar, mas continuou contando para mim. As lágrimas vão caindo e ela não as impede. Sobre essa atitude, compreendemos que "as pessoas morrem, mas a menos que tenhamos sofrido uma perda importante nada vai evitar que pensemos e ajamos como se nós e as pessoas que amamos fôssemos viver para sempre".^{20:170}

Apesar de a morte ser um evento penoso para a depoente, esta vivência é determinante para a construção de sua ideia de temporalidade e edificação de novos significados para sua existência. A intensidade vivenciada diante das perdas explica-se pelo conceito de monotropismo, uma vez que cada vínculo é único, não podendo haver substituto para um pai, um irmão ou uma mãe que se perde, o que em grande medida influencia as reações do enlutado.²¹

Foi sofrido, foi dolorido, e é triste, mas é a realidade. Eu estou aqui não sei o que pode acontecer para mim, uma doença [...]. A gente nasce, cresce, e vive uma vida assim normal, a realidade que eu acho é que ninguém explica por que aconteceu isso com essa pessoa, não sei, ninguém explica. Não é verdade? Ninguém explica. É o lado triste da vida [...] (Palma).

A analítica heideggeriana considera que o Ser-á, em sua transcendência, pode ter atitudes distintas para apropriar-se do mundo ao seu redor, pois, ao transcender sua própria dor, o Ser-á passa a viver autenticamente no mundo, tornando-se um Ser de preocupação consigo e com o outro.¹⁰ Nesse contexto, percebemos que, na fala de Palma ao vivenciar a concretude da morte em seu lar, ela transcendeu seu poder-ser e descobriu-se também como um Ser para a morte. "A morte não pode ser entendida logicamente pelos vivos a não ser na representação de uma mudança de qualidade no fato da vida".^{21:70} A morte parece mesmo impelir os seres humanos a refletir sobre os mais diversos aspectos da vida, e assim suscita, naqueles que ficam, meditações sobre o sentido da vida, a compreensão da morte e mesmo sobre o aproveitamento do tempo.¹⁷ Essas alterações na compreensão dos enlutados é referida pela depoente em seu discurso, o que implica numa noção de que nosso tempo na terra é limitado e que por isso devemos construir algo proveitoso.

Essa perspectiva vem ao encontro da noção de temporalidade restrita, na qual se verifica que a existência de constrói a partir da vigilância da morte, e que pode a qualquer momento romper inesperadamente o cotidiano, o que colabora para a urgência nas realizações e lembra o ser-no-

-mundo, mesmo que de maneira latente, de sua condição existencial de ser finito.¹⁹

Esse processo de ressignificação das próprias experiências é encontrado em outros estudos; ao afirmarem que a pessoa parece adquirir um novo tipo de valorização da vida, pautado no desapego material e ampliação do campo espiritual, na busca pela harmonia consigo mesma e com os seres humanos, visto que passa a compreender sua vida na terra como algo transitório.²¹

Experenciando a temporalidade de estar-no-mundo enlutado

A analítica existencial heideggeriana não expõe de forma explícita o comportamento do ser humano ante o luto. Após várias leituras, apreendemos que a mesma decisão antecipadora que conduz o Ser-aí a compreender sua finitude leva-o a procurar entender a vivência da morte de outros entes ao seu redor.

A morte de um ente transporta naturalmente a pessoa para a condição de ser-no-mundo enlutado, na qual a ausência do ente terá que ser enfrentada. O luto é considerado um momento crucial do ciclo vital, com consequências diretas para toda a vida da pessoa.²¹ Muitos são os fatores que influenciam o comportamento nesse momento: o tipo de morte, ter havido luto antecipado ou não, a natureza das relações entre quem fica e quem está partindo; porém é fato que o tempo é a instância fundamental para a elaboração da perda.

Neste sentido, essa categoria apresenta o luto dimensionado pelo tempo de cada depoente; não o tempo cronometrado pelo relógio, mas o tempo de estar enlutado pelo ente falecido, o que pode ser compreendido no discurso de Calêndula:

[...] *ah, agora eu vivo mal, agora eu vivo ruim. Deus o livre, para mim sempre as pessoas falam: "a senhora tem tudo aqui em casa, uma casa grande e bonita, só a senhora e seu filho". Meu filho não me incomoda se ele sai que ele vai estudar à noite, ele me liga umas duas ou três vezes por noite, ele sai seis horas e volta umas onze horas, ele me liga para ver como que eu estou aqui sozinha. Só que a perca do meu marido, não tem jeito deu me conformar, não tem jeito, não tem jeito, não tem jeito [...]. A perca dele é difícil, é difícil de eu esquecer, isso nunca mais, nunca mais. As pessoas falam que eu tenho que me conformar, eu falo por que não é em vocês [...]. Ai, Deus me livre, para mim não tem mais nada nesse mundo que me agrada. E eu fale, o meu faz só cinco meses. Eu penso, eu penso nele, à noite às vezes, eu penso (Calêndula).*

A analítica existencial heideggeriana tem seu primado na facticidade do Ser em seu sendo-no-mundo. O filósofo denomina de "*factus*" ou facticidade a condição de o homem ser lançado no mundo, de ser entregue independentemente da sua escolha, e nessa circunstância existencial o ser-no-mundo discerne a morte pelo que ela é em seu pensar, isto é, enquanto uma possibilidade distante.⁸ No entanto, quando a morte se torna concreta na mundaneidade do ser-no-mundo e o luto se faz presente, o ser humano fecha-se em si mesmo, não consegue entender sua própria condição existencial, negando a si mesmo a verdade que se descortina ao seu redor, no caso, a morte do esposo.

Seguindo este pensar, apreendemos na linguagem de Calêndula que ela manifesta o quanto é difícil sentir-se nesta solidão existencial, pois, mesmo vivenciando as manifestações de solicitude do filho, ela revela, pela postura, que seu lar está vazio, sem vida, envolto em ausência sempre presente em seu pensamento. "Na morte, a presença nem se completa, nem simplesmente desaparece, nem acaba e nem pode estar disponível à mão".^{10:320}

A linguagem de Calêndula evidencia que seu pesar é vivenciado no presente, o agora é marcado pelo sofrimento imputado pela ausência do marido e a não aceitação da perda; ou seja, ela vive o *ik-stante* de ser viúva. Esse momento é considerado a segunda fase do processo de luto, quando a pessoa passa por intenso sofrimento psíquico.²

Nesse sentido, experienciar a temporalidade do luto também significa, para a pessoa, a oportunidade de lamentar a perda da pessoa amada. O enlutado necessita expressar suas emoções e ser apoiado nesse período, pois é o momento de se permitir sofrer e vivenciar o processo de luto.²¹

Senti muita falta e até hoje, até hoje, assim eu sinto falta dela, se vê, trinta e seis ano nós junto, nunca, um separou do outro. Ah, foi, foi como eu te falei, né? Foi, sempre difícil, sempre abalado, e, até hoje ainda eu ando nervoso assim. A gente não esquece, isso aí a gente não esquece, sempre esta lembrando [...] (Gerânio).

No discurso de Gerânio, visalizamos que, de forma semelhante à Calêndula, o tempo de estar enlutado não é delimitado pelo passar dos dias. Ao contrário, o depoente demonstra que o tempo não apaga as lembranças, pois a presença da esposa continua viva em seu existir-no-mundo.

O comportamento das pessoas em relação à dor da depoente refere-se à interdição do luto. Na atualidade, em que não se permitem demonstrações de sofrimento pela morte de alguém, o luto deve ser vivido com discrição absoluta perante a

sociedade, e o controle sobre as emoções é extremamente necessário, não sendo toleradas expressões de vicissitudes.²¹

Até hoje lembro eu fiquei uns três ou quatro meses assim, não conseguia esquecer. A gente fica traumatizada de ver tanto sofrimento [...] e eu sou muito sensível assim, hoje quando eu lembro dela eu choro, não tem por que, era da família, porque não tem, somos todos seres humanos (Palma).

Compreendemos por seu discurso que Palma ficou marcada pelo sofrimento de sua irmã e que esse fato foi muito significativo para o seu trabalho de luto. Suas palavras revelam a angústia suscitada pelas lembranças do processo de terminalidade e descrevem quanto foi difícil para a depoente esquecer os momentos que se seguiram à morte de sua familiar. Faz-se relevante observar que estar ao lado de um ente que morre com grande padecimento e dor pode dificultar a elaboração do processo de luto, pela imagem de impacto que fica sendo lembrada pelo enlutado.⁷

Em seu discurso, a informante também alude ao tempo em que tais lembranças foram mais presentes, o que nos leva a refletir que a morte só pode ser apreendida na temporalidade e historicidade do Ser, pois, ao existir-no-mundo, o Ser-aí traz no âmago de seu ser seu tempo e sua história. Neste contexto, entendemos que “a inquietação estrutura o ser do homem dentro da temporalidade, prendendo-o ao passado, mas, ao mesmo tempo, lançando-o para o futuro. Assumindo seu passado e, ao mesmo tempo, seu projeto de ser, o homem afirma sua presença no mundo. A temporalidade constitui, assim, a dimensão fundamental da existência humana”.^{22:9}

Nesta perspectiva, apreendemos na linguagem de Palma que o luto é vivenciado no compasso do tempo e que esta temporalidade abranda as marcas deixadas na alma. Em sua fala, notamos que o sentimento de agonia sentido inicialmente, aos poucos se transforma em dor suportável, suscitando-lhe sentimento de saudade; porém, ao lembrar o passado, a depoente chora muito; suas lágrimas fluem abundantemente e sua voz fica trêmula, mas ela prossegue, seca o rosto com as mãos e volta a narrar sua história.

Eu fiquei abalada com a morte dela, não sei, é uma perda. Desculpe, é que eu choro [...] é uma perda que nem se fosse um pai e uma mãe, eu senti muito a morte dela. Até hoje me lembro dela, faço muita oração (Palma).

Notamos nestas palavras que Palma rememora com pesar o início de sua condição de enlutada, demonstrando que o tempo pode aliviar a dor,

mas não pode apagar as lembranças eternamente presentes, pois, ao relatar seu padecimento, a informante chora muito, tira os óculos e fita o vazio por meio das lentes e submerge no silêncio por alguns instantes.

As palavras de Palma levaram-nos a refletir que o processo do luto está inserido no horizonte da temporalidade de cada ser e que somente o tempo pode acalmar a agonia avivada pela perda de um ente querido, trazendo conforto ao coração, mas mesmo assim o esquecimento fica, pois a presença espiritual abriga-se nos corações saudosos. Assim, só poderemos apreender o sentido de nossa existência a partir do desvelamento dos mistérios da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nossas inquietações, visualizamos um caminho sempre inacabado, e o reaprender é imprescindível. Diante das inquietações do passado, fomos envolvidas pela esperança do presente, a qual se revela como a essência de um fazer que emergiu ao longo do tempo. Concebe-se um horizonte de novas possibilidades de estar-com as pessoas enlutadas, na compreensão de que o encontro do ser cuidado com o cuidador envolve um horizonte que conduz à compreensão do sentido de existir no mundo. É esta dimensão do sentido que, ao ser questionada, possibilita a autopercepção e o crescimento e, no caso específico do cuidado, o aprendizado.

Seguindo este pensar, ao adentrar-mos no mundo dos sujeitos, buscamos, não apenas vislumbrar a pessoa em luto, mas também compreender o Ser em sua existencialidade, e assim, durante meses aproximamos de seu existir, compartilhando com ele de sua facticidade. Ouvimos sua voz, seu riso, e em muitos momentos contemplamos suas lágrimas rolares em silêncio. Sentimos sua dor, mas também visualizamos sua esperança. Assim, por meio desse estudo, apreendemos, que a angústia e o medo diante da iminência da morte de um familiar, é um sentimento tão aterrorizante que faz com que as pessoas neguem a verdade que se descortina em suas vidas; mas também verificamos que, ao acompanhar um ente em sua terminalidade, a pessoa passa a refletir sobre a própria finitude e descobre ser ela também um Ser-para-a-morte, o que a faz repensar sua existência, rever seus valores, prioridades e buscar o equilíbrio consigo mesma e com o próximo.

Esta verdade concreta e existencial não permite ao Ser-aí quedar-se na indecisão, ao contrário,

leva-o a decidir com propriedade pela retomada de si mesmo, ou seja, a tornar-se um Ser de cura. Não obstante, depreendemos que os familiares necessitam ser acolhidos em seu pesar, pois vivenciam a dor da ausência de seus entes, e reconhecemos o tempo de ser enlutado, ou seja, o tempo de chorar a partida de seu familiar, de internalizar a perda e de reposicionar-se diante do mundo. Assim, cada indivíduo vivenciará esse momento de maneira particular, de forma que as horas cronometradas importam menos do que a compreensão que cada pessoa molda em relação à sua vivência.

Dessa forma, deve-se considerar que o luto é vivenciado por cada indivíduo de maneira diferente, e cada um manifesta seu pesar com maior ou menor emoção, não sendo possível estabelecer padrões para as reações que se seguem à morte de um ente. O que se pode afirmar com certeza é que a morte será sentida pela pessoa que fica, e que esta necessitará de meios para expressar o seu pesar. No luto, não se pode apressar o processo, não há fórmula para mitigar a dor; mas se pode estar presente e, com isso, mostrar ao enlutado que ele não está sozinho, que seu pesar não é absurdo, que ele não está sendo fraco e que vivenciar a perda é necessário.

Nesse sentido, entendemos que ser-com-o-outro enlutado é persistir em atitudes que possam contribuir para ampliação dessa preocupação com ele. É importante mencionar que a atuação do enfermeiro junto aos enlutados necessita ser compartilhada e convergir com o trabalho dos demais profissionais de saúde, uma vez que é na equipe interdisciplinar que ocorrem a interação, a troca de conhecimentos e a construção de novos saberes, que significam a soma de esforços para a construção de uma abordagem qualificada para assistir os enlutados.

A nosso ver, dois momentos são fundamentais no cuidado ao enlutado: a formação do enfermeiro e dos demais profissionais de saúde, e a construção e implementação de estratégias para assistir o indivíduo enlutado. Nesse sentido, a educação dos enfermeiros e demais profissionais de saúde, especialmente no que se refere aos currículos dos cursos universitários do campo da saúde, é uma medida importante quando é considerada a formação profissional de indivíduos que lidam constantemente com situações estressoras como a morte.

Por fim, destacamos a necessidade de serem desenvolvidas outras pesquisas nesta linha, pois constatamos em nossas leituras que existem poucos estudos sobre o luto, principalmente no tocante

aos enfermeiros, o que pode explicar a dificuldade destes profissionais em buscar caminhos para implementar uma assistência que contemple as reais necessidades das pessoas enlutadas

REFERÊNCIAS

1. Labate RC, Barros GC. Uma possibilidade de escuta a uma família enlutada: ressignificando a experiência de perda. *Revista da SPAGESP* [online]. 2006 jun [acesso 2011 Jun 09]; 7(1):50-57. Disponível em: http://pepsic.bvsps.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702006000100007&lng=pt&nrm=iso
2. Franco MHP. Cuidados paliativos no contexto hospitalar. In: Pessini L, Bertchini L, organizadores. *Humanização e cuidados paliativos*. São Paulo (SP): Loyola; 2004. p. 301-4.
3. Parkes CM. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo (SP): Summus; 1998.
4. Oliveira JBA, Lopes RGC. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia Estudo* [online]. 2008 [acesso 2009 Out 25]; 13(2): Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
5. Viorst J. *Perdas necessárias*. 4ª ed. São Paulo (SP): Melhoramentos; 2005.
6. Kovács MJ. Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia* [online]. 2008 [acesso 2010 Fev 01]; 18(41): Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
7. Ariés P. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.
8. Eizaguirre, MEE. Acompañar la familia en su proceso de duelo. In: Astudillo W, Pérez M, Ispizua A, Orbegozo A (organizadores). *Acompañamiento en el duelo y medicina paliativa*. San Sebastián: Sociedade Vasca de Cuidados Paliativos; 2007. p. 75-88.
9. Shimizu HE. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. *Rev Bras Enferm*. 2007 Jul-Set; 60(3):262-7.
10. Heidegger M. *Ser e tempo*. 16ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Universitária São Francisco; 2006.
11. Worden JW. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental*. 2ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1998.
12. Josgrilberg RS. O método fenomenológico e as ciências humanas. In: Castro DSP, Pokladek DD, Azar FP, Piccino JD, Josgrilberg RS organizadores. *Fenomenologia e análise do existir*. São Paulo (SP): Sobraphe; 2000. p. 75-93.
13. Bayard J. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* São Paulo (SP): Paulus, 1996.

14. Silva CA, Carvalho LS, Santos ACPO, Menezes MR. Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. *Texto Contexto Enferm.* 2007 Jan-Mar; 16(1):97-104.
15. Silva CAM, Acker JIBV. O cuidado paliativo domiciliar sob a ótica de familiares responsáveis pela pessoa portadora de neoplasia. *Rev Bras Enferm.* 2007 Abr-Jun; 60(2):150-4.
16. Araújo LZS, Araújo CZS, Souto AKBA, Oliveira MS. Cuidador principal de paciente oncológico fora de possibilidade de cura, repercussões deste encargo. *Rev Bras Enferm.* 2009 Jan-Mar; 62(1):32-7.
17. Teixeira LC. Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. *Psicol clin [online]*. 2006 [acesso 2010 Mar 10]; 18(2):. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v18n2/a06v18n2.pdf>
18. Freire MCB. O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal (RN): Edufrn; 2006.
19. Oliveira-Cruz MCBF. Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico. *Estudos em Jornalismo e Mídia [online]*. 2008 [acesso 2009 Mar 15]; 5(1): Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewArticle/5566>
20. Parkes CM. Amor e perda: raízes do luto e suas complicações. São Paulo (SP): Summus; 2009.
21. Koury MGP. Como os habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba, definem as noções de perda, dor, morte e morrer. *Rev Bras Soc Emo [online]*. 2009 Ago [acesso 2009 Out 25]; 8(23):259-90. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%208.23.ago2009%20em%20html/KouryArt.pdf>
22. Viorst J. Perdas necessárias. 4ª ed. São Paulo (SP): Melhoramentos; 2005.